Design, Biodiversidade e Artesanato Tradicional Paraense: Educação Geradora de Caminhos para a Sustentabilidade Ambiental

Design, Biodiversity, and Traditional Craftsmanship from Pará: Generative Education of Paths to Environmental Sustainability

Miguel Lavareda Mendes Vilacorta[1]
Núbia Suely Silva Santos[2]

[1]*Universidade do Estado do Pará, Graduando, miguel.uepa@gmail.com*
[2]*Universidade do Estado do Pará, Doutora, Nubiasantos@uepa.br*

Resumo: *O presente artigo evidencia as noções da biodiversidade amazônica popular dentro do Pará, região amazônica. E como uma desvalorização cultural crescente culmina na falta de preservação e desinteresse na sustentabilidade local. Demonstra-se que, igualmente desvalorizado, está o artesanato tradicional paraense que utiliza de matérias-primas singulares em suas criações manuais e técnicas. É discutido então, que a utilização dos conceitos biodiversos junto do ensino pedagógico do artesanato manual e técnico, dentro de âmbitos acadêmicos de design, produz resultados inovadores—como artefatos únicos, criativos, e valorizadores de um ecossistema amazônico.*

Palavras-chave: *Bioeconomia; Fibras naturais; Manualidades; Design sustentável.*

Abstract: *This article highlights the concept of popular Amazonian biodiversity in the state of Pará, a region within the Amazon. It discusses how increasing cultural devaluation contributes to a lack of preservation and disinterest in local sustainability. It also points out that traditional crafts from Pará, which employ unique raw materials through manual and technical processes, face similar disregard. The study argues that incorporating biodiversity concepts into the pedagogical teaching of manual and technical crafts in academic design settings can lead to innovative outcomes—such as unique, creative artifacts that promote and value the Amazonian ecosystem.*

Key-words: *Bioeconomy; Natural fibers; Craftsmanship; Sustainable design.*

1. Introdução

As concepções populares de um turista em relação ao artesanato tradicional paraense, de forma intuitiva, não partem de conhecimentos regionais amazônicos para atribuir uma valorização pessoal e monetária ao artefato que está no processo de convencimento para compra. Esta ideia se fundamenta quando, em certos contatos, nem sequer é possível identificar a matéria-prima, ou então origem identitária de algum artefato, sem a ajuda informativa do vendedor, ao ouvinte-comprador. Revelando dessa forma, a existente desvalorização popular, mesmo que inconsciente, da vasta biodiversidade amazônica, provedora de matéria-prima singular da região norte do país para o mercado do artesanato.

A criação de políticas públicas de incentivo ao artesanato no país, revela as pré-concepções governamentais, tanto sobre a precariedade da área manual, quanto sobre reafirmação de oportunidade de crescimento cultural e econômico (Cortes; Machado; Machado, 2023). Entretanto, historicamente no Brasil, o custo-benefício das produções artesanais não é promissor, devido ao alto custo de matéria-prima, que não é compensado pela comercialização desvalorizada do produto. Justifica-se, por esse impacto econômico, a implementação dessas políticas públicas, como ferramentas de valorização da técnica, orientando e capacitando possíveis empreendimentos lucrativos dessas produções tradicionais.

É de entendimento cultural, que o conhecimento identitário dos tipos de artesãos paraenses, detêm noções antigas, e que explora grande pluralidade natural amazônica, com ensinamentos advindos da grande herança indígena dos antecessores regionais, detentores de cultura rica, e técnicas únicas de manejo. Aprendendo instruções que são transmitidas de forma geracional, das erveiras por exemplo (Campos; Oliveira, 2021). Entretanto, essa cultura familiar, mesmo que louvável a partir da noção de preservação do tradicionalismo, acaba segregando a informação vital que gera reconhecimento para com o que produzem.

Nos dias atuais, deve-se buscar não o afastamento da população desinformada, mas sim um ensino agregador de todos, interessados ou não nas curiosidades de um artesanato tradicional paraense. Ambientes como uma sala de aula são grandes difusores de conhecimentos e ensino de maneira geral, e se especializamos esse ensino, para o design por exemplo, que detém de ferramentas criativas diversas, agrupado da disponibilização de um acervo material, a Materioteca, extensa e informativa, é possível atingir o objetivo de gerar resultados transformadores que são alcançados através de uma criação de artefatos autorais da região amazônica. Revelando o papel fundamental da educação no caminho realizador da sustentabilidade.

1.1 Base Teórica

De forma inicial, quando é realizada uma experiência expositiva para com um produto artesanal de origem biodiversa, todos os sentidos humanos entram na balança estimativa do indivíduo exposto. Bensusan (2006, p. 399) afirma que "é preciso inserir a biodiversidade nativa no cotidiano de cada brasileiro [...]. Não como um termo vazio, mas como um tesouro a ser descoberto com todos os sentidos". Confirma, portanto, que a mostra expositiva de artefatos se revela uma ferramenta, que utilizada de uma maneira demonstrativa e educadora, pode permutar entre relações sociais para então divulgar um conhecimento. Ao ver e tocar, se estabelecem fatores físicos, geram-se entendimentos sobre os detalhes dos artefatos produzidos, define-se a sua rigidez e delicadeza, além de suas texturas únicas de uma matéria-prima regional. Juntamente, ao cheirar, o sentido olfativo determina apreço pessoal, e afetividade, uma vez que um perfume, aroma, ou banho de cheiro no caso do mercado local paraense, de forma involuntária, determina conexões e ativa memórias.

Conceitua-se então, o foco biodiverso a ser explorado dentro deste trabalho, observa-sea Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB, 1992) que ao referir-se a biodiversidade, a separa em três níveis distintos: ecossistemas, espécies, e recursos genéticos, que estão no meio natural. Dessa forma, mostra-se que durante o desenvolver argumentativo desta pesquisa, o nível de ecossistemas, será o explorado principalmente, visto que serão elucidadas, as atribuições e características físicas da matéria-prima vegetal amazônica, como sementes, ervas, fibras e fios, inseridas nos processos de produção dos artefatos artesanais.

Ao contextualizar a biodiversidade, não pode-se desvincular o seu impacto cultural com as comunidades, e indivíduos que a cercam. Ao entender que o ser inserido dentro do ecossistema amazônico, é seu principal consumidor, deduz-se que ele também é aquele que utiliza de seus insumos para produzir para si. Entretanto, de forma histórica, o indivíduo consumidor dos insumos, sempre foi sustentável e cíclico, produzindo apenas o necessário sem gerar resíduos em excesso e poluentes. Todavia, não muito depois dos processos de globalização, algumas noções foram alteradas, e logo, intensificadas para um consumo que então, após essa globalização, passou a gerar lucro, e consequentemente, desejo contínuo de exploração sem fim (Lopes; Totaro, 2016). Nesse contexto, é possível entender que o consumo artesanal, antes de ser visto apenas como indumentário, era tradicionalmente visto como identitário tradicional, e em sua maioria, entrelaçado ao uso religioso dos artefatos. Igualmente os outros processos produtivos, após a globalização, essa troca foi acontecendo gradativamente, porém, este fato não exclui a ainda presente existência da utilização da biodiversidade de forma tradicional e excludente das noções de globalização.

Complementarmente, analisa-se de forma territorial e tradicional, o mercado local paraense, como polo expositivo do artesanato paraense diversificado, muito bem afirmado em seu espaço. Assegura-se que o local detém das obrigações necessárias para ser considerado um artesanato conceituado, e de fato tradicional de acordo com

Ministério do Desenvolvimento (Portaria nº29, 2010) onde suas produções se manifestam pelas funcionalidades que incluem: Adornos e/ou acessórios adereços, decorativos, religiosos e místicos, lembranças e souvenirs.

De forma contínua, salienta-se o artesão paraense, como total detentor de conhecimentos ancestrais que estruturam tanto seus conhecimentos de técnicas manuais, como de manuseio de matéria-prima. O artesão paraense, quando produz um artefato, ele não apenas o produz para comercializar, mas também para difundir a sua ideia de pertencimento identitário dentro da comunidade regional e amazônica que está inserido.

Contextualizando o pensamento, para então uma completa visualização das disponibilidades materiais e criativas que existem dentro da praça de artesanato comercial local, deve-se explorar alguns tipos de produções manuais mais evidentes dentro de sua ambientação. Como os conhecidos banhos de cheiro, que serão expostos na figura 1, e que são considerados válidos como artigos de artesanato, desde que sejam produzidos com essências extraídas de folhas, flores, raízes, frutos e flora nacional, (Portaria nº29, 2010), que é o caso do mercado local.

Figura 1 - Banhos de cheiro em ponto de venda, Belém



Fonte: Miguel Lavareda, (2025)

Identifica-se que os banhos de cheiro, são advindos de técnicas das “erveiras”, que lavam, cortam, e maceram as ervas com água limpa ou águas de cheiro para a apuração olfativa. Todo este processo é biodiverso, e intrinsecamente artesanal, típico da realidade das artesãs “erveiras”. Nota-se que o processo de conhecer as espécies de ervas, fazer sua colheita, e saber como combiná-las entre elas para a realização de algum tratamento medicinal ou então espiritual, é completamente íntimo e particular para

essas mulheres. Ser erveira faz parte de sua identidade, onde não há uma noção de que ser erveira, funciona apenas como um trabalho gerador de renda. Mesmo que gere retorno financeiro para elas, ser uma mulher erveira, conversa com sua noção pessoal de feminilidade e maternidade, visto que a maior parte dos conhecimentos de criação de banhos, óleos e essências, foram herdados de sua convivência com suas avós e mães. Tornando a mulher erveira — a mulher trabalhadora e artesã — uma protagonista da sua história, e detentora da sua independência financeira e produtiva (Campos; Oliveira, 2021).

Logo, a produção de seus banhos de cheiro detém de conhecimentos específicos sobre algumas espécies de ervas dentro da biodiversidade disponível no contexto amazônico. As espécies mais explícitas variam entre: Priprioca (Cyperus articulatus); Patchouli (Pogostemon cablin) e Manjericão-de-folha-larga (Ocimun Basilicum), expostas nas figuras 2, 3 e 4 respectivamente, e entre outras diversas ervas presentes nesse ecossistema diverso.

Mostra-se então, as características da planta priprioca a seguir na figura 2, mais especificamente de sua raiz tuberculosa, principal parte desejada durante os processos de produção odorífera:

Figura 2 - Priprioca



Fonte: Página do Instagram @materiotecauepa, (2024)[1]

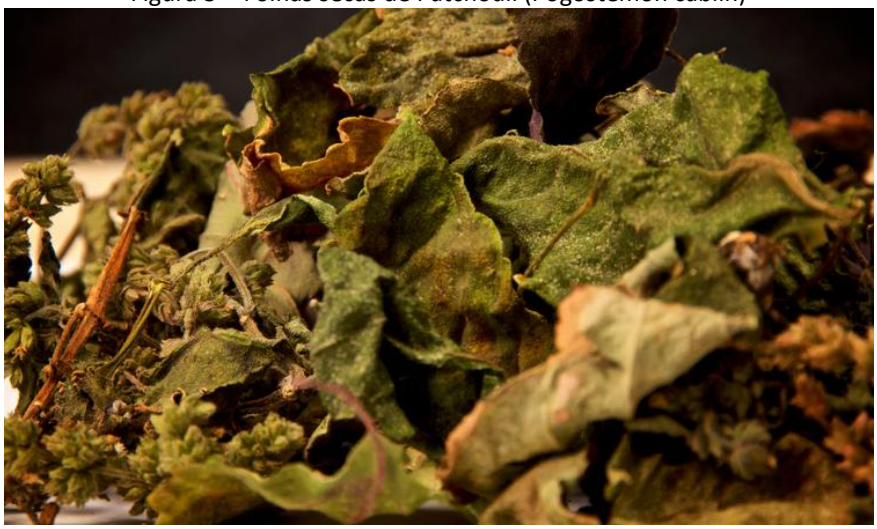
Essa espécie, que é comumente cultivada em quintais no Pará, tanto para uso próprio ou comercial, instiga o mercado atual de perfumaria do Brasil, que em uma emergência busca de conexão natural com matérias-primas de forte identidade e poder odorífero. Sua cadeia produtiva, desde plantio até transporte, dentro do mercado

[1] Disponível em: https://www.instagram.com/p/C50atncOIu-/wq2. Acesso em: 05 de maio. 2025.

artesanal de do Pará, exige insumos na maioria das vezes de baixo custo diário, e possui uma mão-de-obra familiar e conhecida (Castelanni, 2011). Entende-se que esse sistema, contribui para a noção que os processos de produção e comercialização de artesanato, igualmente aos produtos feitos, são processos sustentáveis e cíclicos, evitando exageros e geração de resíduos não utilizados dentro dessa produção.

Mostram-se espécies como essa e outras, que vêm historicamente sendo utilizadas no mercado local produtor de artigos artesanais odoríferos paraenses. Evidencia-se o patchouli da figura 3 por exemplo:

Figura 3 - Folhas secas de Patchouli (Pogostemon cablin)



Fonte: Página do site Hparfums, (2020)[2]

No processo de seu uso, as folhas secas de patchouli são utilizadas para a extração de óleos essenciais, a partir da destilação, para produção dos artigos de perfumaria natural (Costa, 2012). O óleo extraído se torna muito valioso devido sua característica de alta fixação dentro de perfumes naturais, e se aliando ao fator da valorização natural das empresas de perfumaria atuais, o Patchouli se junta da Priprioca para formar então o “Cheiro do Pará”, sendo a mescla das duas ervas naturais, que são um ícone de reconhecimento olfativo aos turistas exploradores do mercado local.

Ervas mais comuns do uso diário do ser humano também fazem parte desse artesanato específico, como o Manjericão-de-folha-larga exposto na figura 4 (Ocimun Basilicum). Identifica-se o seu óleo essencial como artigo de grande interesse, visto seu aproveitamento como planta medicinal, deixa-se explícito suas características efetivas contra infecções, possuindo também características antiparasitárias, anti térmicas, digestivas, e até antifúngicas (Pereira, M. A. et al. 2024). Informações sobre as

[2] Disponível em: https://hparfums.com/blogs/news/the-power-of-scent-patchouli-oil. Acesso em: 06 de maio. 2025.

qualidades terapêuticas de ervas reafirmam os motivos de sua utilização periódica por residentes do estado do Pará, além de juntamente reafirmar a cultura dos banhos naturais que são recorrentes na realidade das famílias, quando busca-se uma melhora na saúde de algum integrante, por exemplo.

Figura 4 - Manjericão-de-folha-larga (Ocimun Basilicum);



Fonte: Página do site Jardim da Botânica USP RP, (2025)[3]

Identifica-se que o fato de possuir ocasionalmente algumas dessas ervas naturais em casa, como um acervo para cozinhar ou fazer chás, é uma característica cultural do cidadão paraense, e facilita visualizar a importância dessa biodiversidade como estruturadora para a criação de artefatos que fogem do regular, como os exclusivos banhos de cheiro.

Entretanto, essas matérias-primas naturais revelam apenas uma parte do mercado local produtor. Diversas outras técnicas artesanais também são utilizadas durante os processos criativos dos artesãos tradicionais paraenses. Artefatos como biojoias, também são produzidos semanalmente por esses fabricantes.

As Biojoias, são grandes instrumentos de comunicação para uma valorização cultural, visto sua abordagem estética e cosmética dentro do mundo comercial, fora isso, garante também uma produção que visa a sustentabilidade e redução da geração de resíduos poluentes durante as etapas de criação (Silva, et al. 2024).

[3] Disponível em: https://sites.usp.br/jardimdabotanicausprp/manjericao-de-folha-larga-ocimum-basilicum/. Acesso em 06 de maio. 2025.

Mostra-se importante ressaltar, que estes artefatos, possuem uma produção originada de povos e comunidades tradicionais, e transpassaram por diferentes atribuição de valores, visto que suas funções antigamente buscavam realizações cerimoniais, ou então representavam passagens de maturidade dentro das comunidades. Porém, com a passagem do tempo e disseminação da cultura ornamental desses povos, resultado da globalização citada anteriormente, os produtores de biojoias passaram a apelar para a criação e atribuição de um valor emocional, logo estético do produto, o caracterizando como souvenir turístico para comercialização mercadológica. Sua característica identitária, entretanto, variou junto do avanço da relação dos povos tradicionais com a exposição ao mundo ocidental contemporâneo (Lopes, 2018). Segue então, exemplificado pela figura 5, um dos exemplos produtivos de biojoias consideradas modernas e disseminadas:

Figura 5 - Biojoia colar feito de sementes de paxiúba, guapuruvu, e inajá



Fonte: Página do site instagram @anaervedosa_biojoias, (2021)[4]

A foto anterior capturou a criação de uma produtora artesã do mercado local paraense, e serve de fundamentação para afirmar que felizmente existe a disponibilidade material e criativa para a desejada valorização. Servindo, não somente como produto comercial, mas também, como criação inspiradora para novas produções artesanais paraenses.

[4] Disponível em: https://www.instagram.com/p/CP_yMqTNzdR/. Acesso em: 06 de maio. 2025.

2. Metodologia

Compõe-se por uma pesquisa qualitativa, que utiliza de revisões bibliográficas a partir de temas como biodiversidade, e artesanato e design. Acervos bibliográficos físicos e digitais foram consultados a partir de uma revisão literária específica para a inclusão temática. Um acervo físico de materiais naturais, a Materioteca, na Universidade do Estado do Pará (UEPA), foi utilizado em uma consulta contínua acerca de propriedades e utilizações das diversas matérias-primas abordadas, e criações originais de estudantes egressos do curso de Bacharelado em Design. Artigos científicos relevantes também foram abordados para a composição do material bibliográfico da pesquisa. Foram buscados pelos indexadores de produções científicas como Scielo Brasil e Researchgate, e as principais palavras-chave buscadas foram: “Biodiversidade”, “Artesanato”, e “Design de artesanato”.

Visitas técnicas exploratórias pontuais foram feitas para a coleta de certos recursos visuais que ilustram as matérias-primas e produções artesanais de um mercado popular local de Belém, e informam suas características únicas.

Findando o escopo metodológico, também foram realizados acompanhamentos didáticos e críticos de uma disciplina do curso de bacharelado em design em andamento durante a escrita deste artigo, e que de forma proveitosa, gerou um resultado que foi então adicionado a sessão de artefatos presentes na Materioteca. Artefatos de edições anteriores da disciplina também foram contemplados para uma exposição completa, que entretanto não tiveram acompanhamento tão assíduo.

3. Resultados e Discussões

Por uma ótica acadêmica, caso seja analisada a visão do artesão com suas produções, as dimensões de valores (Krucken, 2009) mais fortes a serem atribuídas são: Valor emocional, e valor simbólico e cultural. Demonstrando dessa forma, que o produtor manual inserido no contexto da vivência amazônica, preza por todas as etapas produtivas de seus artigos.

Entretanto, seu público alvo consumidor, não compartilha da mesma noção de valor qualitativo, visto que seus principais valores atribuídos são: Econômicos, e funcionais ou utilitários. Essa análise revela uma vivência básica que acontece nas relações de compra e venda nacional, onde a noção de preço do consumidor é gerada por sua visão de um mercado constante e com manufatura visível. Contudo, quando se caracteriza a venda artesanal, a noção de preço do consumidor é deturpada, por creditar valores básicos e sem conhecimentos a uma manufatura “invisível” e repleta de técnicas operantes na biodiversidade amazônica. Confirmando então a crença de que a sua desvalorização não afeta somente a preservação de um sistema ecológico, como também prejudica as relações sociais com o produtor manual tradicional paraense.

Surge, conforme os expostos, a aplicação de metodologias e/ou ferramentas que fomentem críticas ao senso de valor popular, a fim de que o auto questionamento, reavalie suas importâncias de valores ao expor-se para artefatos extremamente ricos naturalmente.

Pode-se dessa forma, analisar a pedagogia educadora como um instrumento poderoso para a geração desses questionamentos. Como afirma Freire (1968), caso não haja existência de diálogo, nem trocas informacionais entre indivíduos desinformados de conhecimentos plenos, não há construção educativa. Entretanto, o indivíduo receptor, necessita demonstrar abertura ao emissor dialógico do dia a dia que fala com amor (Freire, 1968). E nesse caso, o emissor dialógico utiliza dos conhecimentos artesanais para transmitir a aprendizagem plena.

Evidencia-se por exemplo, que a pedagogia educadora atrelada ao artesanato, é proveitosa desde cedo na formação de crianças, a exposição ao artesanato material, junto de matérias-primas simples, afloram a criatividade, e exercitam o poder de desenvolvimento livre a partir da imaginação de crianças, que são um público ávido para criação e transformação (Mika, 2023). Não obstante, pode-se também inserir essa metodologia em outros contextos, não apenas na formação de crianças. Todo ser humano é passível de transformação criativa quando exposto de maneira dialógica a ferramentas criacionais, como o artesanato. Independente de sua idade, a pessoa que está disposta ao ensino pedagógico das manualidades do artesanato, detém capacidade transformadora.

A partir desta perspectiva, pode-se pôr em evidências duas situações específicas onde o diálogo acontece como um instrumento educador, para o indivíduo desinformado, que está inserido no contexto da busca de aprendizado, especificamente, da valorização regional de materiais, atrelado ao artesanato tradicional paraense.

A primeira situação, de forma mais direta, ocorre nos processos de compra de um artefato, na noção que o comprador, sendo um indivíduo desinformado, é exposto a um diálogo informativo com um vendedor que se mostra instigado a convencer a compra, e que logo, educa esse usuário sobre as etapas da produção de um artefato complexo, e sua importância cultural dentro de seu contexto histórico. Dessa maneira, visa gerar valorização emocional, além da econômica (Krucken, 2009). Processos técnicos, e informações culturais sobre a origem tradicional indígena dos produtos, culminam no resultado positivo de aquisição do artefato tradicional.

A segunda situação entretanto, revela-se dentro das salas de aulas, e mesmo que de forma geral, o ambiente mais propenso a uma educação dialógica de forma mais livre de escopos metodológicos limitadores, e que propõem uma exploração informacional, é a sala de aula do ensino superior de Design. Este foco revela-se em dentro da disciplina de Design e Artesanato, a partir de estudos em que uma professora da Universidade do Estado do Pará (UEPA), agindo como indivíduo dialógico, ao deparar-se com uma turma, mesmo que advinda de uma região rica em matéria-prima singular, ainda mostra-se

leiga com as capacidades transformadoras dos materiais naturais presentes dentro de sua biodiversidade. Destarte, este determinado professor, detentor de uma gama abrangente de técnicas artesanais, decide propor atividades de observação de um olhar crítico, e geração ativa do designer em formação, buscando aguçar seus sentidos analíticos e manuais para com as possibilidades transformadoras dentro do artesanato tradicional.

Dentro desse conceito, relata-se então a abordagem pedagógica utilizada pela professora da disciplina, que separa o processo criativo em cinco etapas dentro da atividade proposta. As etapas se caracterizam por: Avaliar, Interpretar, Contextualizar, Documentar, e Configurar, que serão esmiuçadas a seguir:

Em primeiro plano, adentrando a etapa inicial de avaliar, uma “Biblioteca de Materiais”, a Materioteca, (UEPA) um acervo físico de materiais naturais regionais, juntamente dos sintéticos, que porém, não são o alvo de observação dentro da disciplina de Design e Artesanato, é disponibilizado para consulta dentro da pesquisa exploratória dos designers, com as possíveis atribuições utilitárias para o artesanato advindo destes materiais. Nota-se então que essa metodologia do design, estimula uma observação apurada e contextualizada, gerando uma expansão teórica de conhecimentos técnicos diante os materiais utilizados intrinsecamente na realidade do artesanato tradicional paraense.

Concomitantemente, as etapas de interpretar e contextualizar exigem do aluno designer, a produção de esboços criativos que, além de elucidarem e interpretarem textura e formatos de uma matéria-prima escolhida para estudo, requerem também um pensamento inovador para a contextualização. O objetivo da terceira etapa, contextualizar, é inserir a matéria-prima em um novo cenário de utilização, variando, por exemplo, entre moda, mobiliário e interiores, propondo criações transformadoras, caso realizáveis.

De forma contínua, a etapa de documentar se resume em agrupar os resultados obtidos até o momento, e formatá-los de forma documental, atrelado aos esboços produzidos, e imagens adquiridas de forma pessoal. Dessa maneira, a organização metodológica é mantida para um andar equilibrado do processo construtivo do projeto.

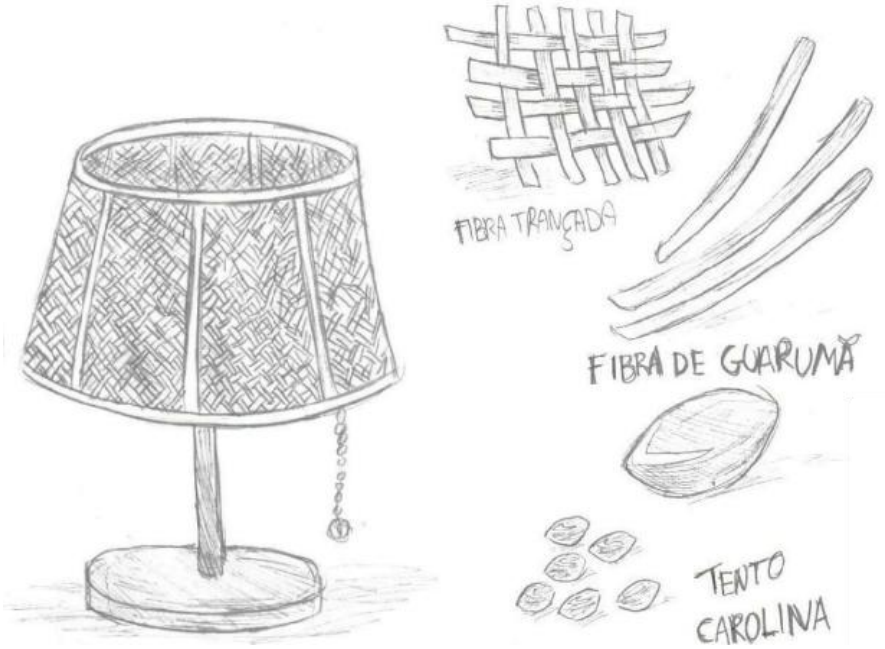
Juntamente ao acesso a Materioteca, é encorajado aos alunos, o exercício de visitas técnicas e exploratórias aos mercados locais e seus artesãos produtores de artefatos únicos. Contribuindo para a expansão referencial e contextual para o aluno da disciplina.

Logo, as técnicas até então garantem a fomentação de idealizações criativas dos alunos que buscam inovar em suas criações originais. De forma simultânea, momentos de consultoria são oferecidos com a professora que está no processo de diálogo crítico e construtivo para a melhor decisão criativa e técnica a ser explorada pelo designer em formação. Durante esse processo dialógico, muitas noções e ideias podem ser alteradas ou então descartadas, visto que a professora, é regente de conhecimentos

aprofundados sobre a viabilidade técnica e manual de certos tipos de artesanato presente no escopo local, e que a tentativa de certos tipos de criação, seriam exaustivas e ilógicas. Mesmo que possivelmente frustrante, mostra-se parte do processo criativo, a reavaliação, e até mesmo reestruturação de ideias incoerentes, visando findar em uma etapa de configuração plena e agradável.

Pode-se utilizar de um exemplo reestruturado, o processo criativo da aluna Manuela Loureiro, onde será exposto na figura 6, que inicialmente, durante as etapas de avaliar e interpretar, escolheu a matéria-prima de fibra de guarumã (Ischnosiphon Koern) e sementes de tento carolina (Adenanthera Pavonina) ao esboçar formatos e texturas. Juntamente também explorou a técnica de contextualizar ao atribuir tais matérias-primas no contexto de design de interiores e mobiliário, ao formatá-los em um abajur funcional. Entretanto, após orientações com a professora da disciplina, obstáculos mostraram-se como dificultadores da configuração desse artefato. A complexidade e conhecimento superficial da técnica de trançado tradicional ,e a também falta da disponibilidade das sementes, que nesse caso, exigiria a presença de furos para a utilização idealizada da aluna, findaram para a então reavaliação criativa e futura reestruturação das etapas.

Figura 6 - Processos iniciais das etapas Avaliar, Interpretar e Contextualizar da aluna Manuela Loureiro



Fonte: Manuela Loureiro, (2025)

A partir desse exemplo da figura 6, podemos confirmar o argumento de que o processo criativo não é linear e simples, visto que estas etapas iniciais diferem completamente dos resultados obtidos pela aluna, que findou ao produzir a coleção de artefatos ‘Bichos na Cuia’, que vai ser exposta mais adiante.

Finalmente o processo culmina na etapa final de configurar, com a criação de artefatos únicos e inovadores, que utilizam da matéria-prima amazônica e indígena, como protagonista no artesanato manual do designer. O acervo físico da Materioteca (UEPA) consta com os resultados acadêmicos de diversos alunos formandos e egressos do curso de Bacharelado em Design. Todos advindos da estabelecida metodologia criativa e qualitativa, as criações exploram valores utilitários e emocionais em seus artefatos (Krucken, 2009).

Podem-se observar alguns resultados a seguir, iniciando na figura 7, por exemplo, que ilustra um dos trabalhos mais chamativos presentes dentro do acervo da materioteca:

Figura 7 - Cadeira com crochê de fibra de miriti e resina do acervo da materioteca (UEPA)



Fonte: Miguel Lavareda, (2025)

A cadeira Piriá, da figura 7, é resultante de um trabalho de conclusão de curso de uma aluna do curso de Bacharelado em Design, demonstrando o valor funcional em maior evidência (Krucken, 2009), a cadeira é construída com resina, e o material transparente deixa evidente os detalhes e a delicadeza do crochê produzido com a seda de miriti (Mauritia Flexuosa Mart) dentro da resina estruturada no formato da cadeira. Mesmo que não resultante da disciplina de Artesanato e Design, a aluna utilizou-se de metodologias agregadoras similares, além da orientação da professora que é responsável pela disciplina.

Figura 8 - Banquinho com estrutura de madeira e assento de sementes trituradas de açaí e tucumã do acervo da materioteca (UEPA)



Fonte: Miguel Lavareda, (2025)

Juntamente da cadeira, a figura 8 ilustra o banquinho que compartilha do valor funcional como principal, o seu valor ambiental se mostra também altamente impactante devido a matéria-prima de seu assento (Krucken, 2009), onde ambas, os caroços de açaí, e sementes de tucumã, que são utilizadas, são de importante relevância nos processos da cadeia produtiva amazônica, e seus resíduos gerados foram reaproveitados de maneira inovadora, afirmando a noção sustentável dentro da produção desses artefatos.

Figura 9 - Protótipo de capa de celular feito com retalhos de artesanato de fibra de jupati e resina do acervo da materioteca (UEPA)



Autor: Miguel Lavareda, (2025)

A figura 9 expõe um resultado advindo da disciplina de Design e Artesanato, este protótipo utilizou de retalhos de um artesanato tradicional de tecelagem que confecciona esteiras e cestarias feitos por comunidades originárias na ilha do Marajó, produzido a partir das fibras de jupati (Raphia Taedigera Mart) existente no mercado do estado. A resina permite a visualização dos padrões do trançado das fibras tingidas, e as de cor natural. Utilizando de uma noção moderna de caracterização do artesanato, como atribui Krucken (2009) o valor funcional do artefato foi muito bem estabelecido na sua intenção de envolver e proteger o dispositivo eletrônico, ao mesmo tempo que o adorna.

Figura 10 - Centro de mesa feito com fibra de juta e ráquila de palmeira de açaí do acervo da materioteca (UEPA)



Fonte: Miguel Lavareda, (2025)

Também resultante da disciplina de Artesanato e Design, a figura 10 mostra o centro de mesa que foi produzido utilizando da fibra de juta (Corchorus Capsularis) trançada, junto de ráquilas de palmeira de açaí para ornamentar as extremidades da trançaria do centro de mesa. Seu valor funcional (Krucken, 2009) fica explícito visto que sua utilidade de apoio para panelas é a principal.

Figura 11 - Coleção 'Bichos na Cuia' do acervo da materioteca (UEPA)



Fonte: Núbia Suely, (2025)

Igualmente produzida dentro da disciplina de Artesanato e Design, a figura 11 revela a coleção 'Bichos na Cuia', que foi feita a partir da técnica de crochê, já previamente dominada pela aluna, utilizando da matéria-prima natural dos fios de juta (Corchorus Capsularis), e estão dispostos dentro de outro artesanato fortemente utilizadas no mercado culinário e decorativo local, as cuias tradicionais, originadas do fruto da árvore de cuieira (Crescentia Cujete).

Os artefatos de crochê da coleção representam figuras animais presentes na biodiversidade amazônica, o boto, a cobra, e o jacaré. A criação desse artefato revela a valorização de conhecimentos ambientais e culturais indígenas visto que forte representação desses animais se dá pela disseminação de lendas e contos vindos de comunidades originárias do Pará e arredores.

4. Considerações Finais

A presente pesquisa demonstrou como a biodiversidade amazônica, quando integrada ao ensino técnico e criativo do design, pode se tornar um potente vetor de valorização cultural e desenvolvimento sustentável. Evidenciou-se que, apesar da

riqueza natural e da tradição ancestral indígena do artesanato paraense, ainda há um abismo entre a produção manual e a percepção de valor atribuída pelo consumidor comum. Essa lacuna está diretamente associada à falta de conhecimento e de diálogo entre os agentes envolvidos nas relações de produção e consumo.

Ainda é distante o uso totalmente sustentável da biodiversidade natural, sem geração desnecessária de poluentes e resíduos sem uso direcionado. Diferentemente dos conhecimentos indígenas ancestrais, que utilizavam uma matéria-prima para qualquer função, de maneira sustentável dentro de sua cadeia produtiva.

Com base em análises territoriais, revisão bibliográfica e experiências empíricas, foi possível identificar o potencial educativo das práticas artesanais quando inseridas em contextos acadêmicos de Design. O uso de metodologias dialógicas e recursos como a Materioteca (UEPA) mostrou-se eficiente para despertar o exercício do olhar crítico e criativo de futuros designers, incentivando a experimentação consciente e a valorização de matérias-primas locais. Para encorajar então, a criação de produtos funcionais ou apenas conceituais, com alto valor simbólico, como expressos pelos resultados das figuras 7, 8, 9, 10, e 11.

As produções, após o ensino, seguem um viés sustentável, ao priorizarem e valorizarem conhecimentos e técnicas tradicionais aprendidas durante a disciplina lecionada. O estudante, agora com concepções estruturadas, idealiza uma desconstrução da homogeneização cultural causada pelo colonialismo, e foca em reproduzir a sua identidade social, ou, então, da comunidade ao seu redor, respeitando sua história e minimizando os impactos ambientais das suas criações (Cordeiro; Vigário, 2024).

Portanto, conclui-se que a articulação entre ensino, cultura e biodiversidade deve ser incentivada de maneira sistemática e interdisciplinar. A formação acadêmica voltada ao design precisa contemplar não apenas aspectos técnicos e estéticos, mas também socioculturais e ambientais, promovendo o respeito à ancestralidade e à sustentabilidade. Assim, os artefatos tornam-se agentes de transformação social, econômica e ecológica na construção de uma Amazônia sustentável.

5. Referências

BENSUSAN, N. et al. **Biodiversidade: Para comer, vestir ou passar no cabelo?** [s.l.] Editora Peirópolis, 2006.

BRASIL, Portaria nº29, 05 de Outubro de 2010.

CAMPOS, L. R.; OLIVEIRA, I. A. Entre lugares e sujeitos da EJA: Mulheres erveiras e os seus saberes culturais no Ver-o-Peso. **Revista Educação e Emancipação**, v. 14, n. 3, p. 155, 28 dez. 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/357410681_Entre_lugares_e_sujeitos_da_EJA_Mulheres_erveiras_e_os_seus_saberes_culturais_no_Ver-o-Peso. Acesso em: 08

de maio. 2025.

CASTELLANI, D. C. et al. Coeficientes técnicos de produção da priprioca (Cyperus articulatus L.) em sistema orgânico, na região de Belém (PA). **Revista brasileira de plantas medicinais**, v. 13, n. spe, p. 606–611, 1 jan. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbpm/a/whmdgs4CrGf9WVX3XbrFJhH/?lang=pt. Acesso em: 05 de maio. 2025.

Convenção Sobre Diversidade Biológica. Disponível em: https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-biomas/biodiversidade1/convencao-sobre-diversidade-biologica. Acesso em: 05 de maio. 2025.

CORDEIRO, E. DE C.; VIGÁRIO, P. DOS S. O Papel do Artesanato Sustentável na Promoção do Desenvolvimento Socioeconômico em Comunidades Locais Brasileiras: Desafios Enfrentados pelos Artesãos. **Fronteira: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 13, n. 4, p. 296–304, 14 nov. 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/385821393_O_Papel_do_Artesanato_Sustentavel_na_Promocao_do_Desenvolvimento_Socioeconomico_em_Comunidades_Locais_Brasileiras_Desafios_Enfrentados_pelos_ArtesaosO_Papel_do_Artesanato_Sustentavel_na_Promocao_do_De. Acesso em 11 de julho. 2025.

CORTES, M. D. F., MACHADO, J. P., & MACHADO, E. P. (2023). AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCENTIVO DO ARTESANATO NO BRASIL. **REVISTA CAMINHOS DO PAMPA: REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE ALEGRETE**, *2*(1), p. 18–30. Disponível em: https://revistas.ceeinter.com.br/caminhosdopampa/article/view/820/800. Acesso em: 11 de julho. 2025.

COSTA, G. A.; CARVALHO FILHO, J. L. S.; DESCHAMPS, C. Rendimento e composição do óleo essencial de patchouli (Pogostemon cablin) conforme o tempo de extração. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 15, n. 3, p. 319–324, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbpm/a/F7Fh9BfTVq5DRZr7T8Xwj6v/?lang=pt Acesso em: 05 de maio. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio De Janeiro ; São Paulo: Paz E Terra, 2019.

KRUCKEN, L. **Design e território : valorização de identidades e produtos locais**. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

LOPES, J. R. DO LATENTE AO MANIFESTO: BIODIVERSIDADE E BIOJOIAS COMO NOVAS REPRESENTAÇÕES DE VALOR. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 14, n. 4, p. 45–72, 14 ago. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327019609_DO_LATENTE_AO_MANIFESTO_BIODIVERSIDADE_E_BIOJOIAS_COMO_NOVAS_REPRESENTACOES_DE_VALOR. Acesso em: 08 de maio. 2025.

LOPES, J. R.; TOTARO, P. O aprendizado da diversidade cultural e a patrimonialização da biodiversidade. **Ciências Sociais Unisinos**, 10 maio 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/308022597_The_learning_of_cultural_dive

rsity and the patrimonialization of biodiversity O aprendizado da diversidade cultural e a patrimonializacao da biodiversidade. Acesso em: 08 de maio. 2025.

MIKA, P. Handicrafts in developing children's creative attitude. Application in educational practice. **Problemy Opiekuńczo-Wychowawcze,** v. 625, n. 10, p. 21–30, 31 dez. 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/377861317_Handicrafts_in_developing_children's_creative_attitude_Application_in_educational_practice. Acesso em: 05 de maio. 2025.

PEREIRA, M. A. et al. Análise comparativa da qualidade de diferentes marcas de óleos essenciais de manjericão disponíveis no mercado brasileiro. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 17, n. 10, p. e12146–e12146, 29 out. 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/385362931_Analise_comparativa_da_qualidade_de_diferentes_marcas_de_oleos_essenciais_de_manjericao_disponiveis_no_mercado_brasileiro. Acesso em: 08 de maio. 2025.

PORTO MACHADO, J. O CONCEITO DE ARTESANATO: UMA PRODUÇÃO MANUAL. Disponível em: https://revistamissoeschs.com.br/missoes/article/view/28/26. Acesso em: 05 de maio. 2025.

SILVA, G. A. F. DA et al. INTERNACIONALIZAÇÃO DE BIOJOIAS: UMA UNIÃO ENTRE SOCIOBIODIVERSIDADE, SUSTENTABILIDADE E INOVAÇÃO. **Revista Gestão em Análise**, v. 13, n. 2, p. 177–197, 24 abr. 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/380080660_INTERNACIONALIZACAO_DE_BIOJOIAS_UMA_UNIAO_ENTRE_SOCIOBIODIVERSIDADE_SUSTENTABILIDADE_E_INOVACAO. Acesso em: 07 de maio. 2025.